

LEVANTAMENTO PRELIMINAR SOBRE A SITUAÇÃO ATUAL DOS
ÍNDIOS GAVIÕES DO POSTO INDÍGENA DE MÃE MARIA (PA)

Em vista dos termos do Convênio USP-FUNAI firmado em fins de 1974, e com a colaboração do "Campus Avançado" de Marabá, demos início a um primeiro levantamento referente à real situação dos Índios Gaviões do Posto indígena de Mãe Maria (PA), salientando basicamente seus problemas diante da possibilidade e necessidade de serem solucionados.

Este trabalho deveria ter sido efetuado dentro de um mês de permanência nas duas aldeias Gaviões do referido P.I. e, no entanto, nos vimos limitados a 3 semanas devido a contratempos burocráticos advindos - atraso da autorização da Fundação Nacional de Índio para que pudéssemos permanecer nas aldeias, bem como da verba destinada à pesquisa pela mesma entidade.

A continuidade de nosso trabalho, assim como o aprofundamento dos dados apresentados, depende daqui por diante de levantamentos consecutivos a serem futuramente realizados nos moldes do Convênio, para que possamos de fato acompanhar a situação atual das aldeias, inclusive num tempo de permanência mais longo junto aos índios.

O levantamento foi realizado com a utilização dos métodos de observação participante de campo e entrevistas exploratórias com diversos membros das duas aldeias dos Gaviões, do Posto Indígena Mãe Maria, situadas nos km 30 e 34 da Rodovia Estadual PA-70 (Marabá-Belém). Nossos principais informantes foram Kokrenun e Kinaré - "capitães" das aldeias de Mãe Maria e Ladeira Vermelha, respectivamente - que com muita paciência e amabilidade nos forneceram a maior parte dos dados necessários para um primeiro levantamento, diante de nossos objetivos. Foram também valiosíssimas as informações dadas pelo então chefe do P.I. Mãe Maria, Sr. Osmundo dos Anjos (que acompanhou os Gaviões durante quase 5 anos), por Frank e Joan Parker e pelo Sr. Roger Bailey, missionários encarregados da aldeia da Ladeira Vermelha.

Faremos primeiramente uma exposição mais detalhada da situação da aldeia junto ao próprio P.I., onde permanecemos mais tempo, no km 30 da PA-70 (Rodovia que corta o território indíge-

na) e, em seguida, abordaremos a outra (km 34), conhecida como aldeia da Ladeira Vermelha, cuja situação atual difere em certos aspectos da primeira - e, por isso, estes serão ressaltados - em virtude do próprio contacto, que nesta (L.V.) é bem menor e data de bem menos tempo.

Para fins de melhor entendimento, esta será a ordem de apresentação dos assuntos neste relatório, que terá em anexo a morfologia das aldeias e o levantamento populacional dos grupos.

Durante nossa permanência junto às aldeias Gaviões do P.I. Mãe Maria, procuramos inicialmente fazer um levantamento Histórico dos grupos para nos situarmos, à medida do possível, no tempo e no espaço, no local onde estão fixados no momento. Paralelamente a sua história, surge a questão da propriedade da terra e da castanha, "personagem central" da esfera econômica da vida das aldeias Gaviões. Esta foi uma questão cuidadosamente tratada em nosso trabalho. Ainda neste plano econômico, os índios Gaviões se dedicam a atividades agro-pecuárias com vistas principalmente à sua subsistência. Observamos (e vivenciamos) aqui a divisão sexual do trabalho na aldeia, bem como os hábitos de alimentação dos grupos e técnicas de obtenção de alimentos, apreendendo assim como transcorre o dia a dia nas aldeias. Nesta rotina diária, penetramos num dos planos mais importantes de nosso trabalho: a saúde. Procuraremos fazer um levantamento de todos os aspectos (exemplificando com casos surgidos) que pudessem esclarecer o real estado de saúde dos grupos, em vista das medidas que são tomadas e das que poderão vir a sê-lo, num futuro próximo.

Ligada à questão de assistência, verificamos que tipo de "atuação" o "Campus" Avançado de Marabá (USP) poderá vir a ter na área indígena onde permanecemos. Procuramos investigar a questão da educação - viabilidade de ensino bilingue nas aldeias - ensino (língua portuguesa) que vem efetivamente sendo realizado na aldeia da Ladeira Vermelha, sob os cuidados das Missões Novas Tribos do Brasil. Verificamos o relacionamento índios/encarregados do posto, bem como a relação dos Gaviões com a sociedade global, em vista de nossa preocupação quanto à situação atual dos grupos.

O intercâmbio (em diversos planos) dos índios com a sociedade envolvente se dá também pelos núcleos urbanos mais próximos: "Km 42" na PA-70, o povoado de São Félix na margem direita do rio Tocantins, e a próxima cidade de Marabá.

A observação destes relacionamentos é de extrema importância, na medida em que tendem a se acentuar e até mesmo a provocar mudanças em diversos planos da vida nas aldeias.

Demos início também a um levantamento genealógico dos grupos, que será futuramente desenvolvido para o estudo do sistema de parentesco (básico para o entendimento mais amplo de sua estrutura social). Além disto, fizemos um levantamento preliminar do vocabulário básico da língua nativa, classificada como Jê (do Norte) do sub-grupo linguístico Timbira. Não nos foi possível realizar um levantamento exaustivo da língua (devido ao pouco tempo disponível) e o que certamente não será necessário, pois tal trabalho está sendo efetuado por Leopoldina Araújo, para título de mestrado pela Universidade Federal de Santa Catarina - o 1º estudo linguístico do grupo que certamente poderá ser aproveitado para o ensino bilingüe nas aldeias Gaviões.

HISTÓRICO

É muito difícil para o investigador reconstruir uma situação de contato inicial em termos históricos de um grupo indígena, devido principalmente às dificuldades quanto à manipulação da língua, e à concepção de tempo histórico por parte dos informantes nativos. E também devido ao fato de que os documentos de que se dispõe sobre os indígenas desta região (médio Tocantins) são meros relatos de viagem (1) e o tradicional trabalho de Curt Nimuendaju sobre os Timbira (2), além de alguns estudos isolados (3). Como este material foi pesquisado por Roberto da Matta (4), tentaremos apresentar aqui, resumidamente, a história dos Gaviões e partir do trabalho de Da Matta realizado entre os Gaviões em 1961 e 62, para podermos entender como é que vieram^a se fixar no P.I. Mãe Maria (1966, este situado dentro de propriedade que lhes pertence de direito (ver adiante)).

(1) Rodrigues, Lysias A., Roteiro do Tocantins, Livraria José Olympio Ed.R.J. 1943

(2) Nimuendaju, Curt, The Eastern Timbira, University of California Press, 1946

(3) Arnaud, Expedito, "Notícia sobre os Índios Gaviões de Oeste do Rio Tocantins, Pará", Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Antropologia, n.º 20, maio de 1964.

(4) Da Matta, Roberto (e Roque de Barros Laraia), Índios e Castanheiros, Difusão Européia do Livro, S.P. 1967.

Os contatos e as relações que os índios Gaviões estabeleceram com as frentes de expansão de nossa sociedade apresentam duas fases distintas correspondentes a exploração dos recursos econômicos do médio Tocantins. A primeira delas, com contatos esporádicos, pacíficos, visuais entre índios e brancos, quando os pioneiros utilizavam as margens dos Tocantins como pousada. Esta situação permaneceu do séc. XVII ao XIX, quando não havia necessidade nem motivação para se penetrar nas matas do interior, embora o vale do Tocantins estivesse estagnado economicamente, o que se aliava à retração e às crises da indústria açucareira do litoral. Apesar do desconhecimento total dos Gaviões, estes apareciam em relatos de viagem como "bravos" e "selvagens", estereótipos que mais tarde viriam a ser utilizados pelos próprios índios a seu favor, a fim de amedrontar "civilizados" que haviam se fixado em suas terras.

No início do séc. XX começa uma segunda fase, com o princípio da formação de um outro sistema econômico baseado na extração de produtos vegetais da mata. Primeiramente a borracha, vindo a seguir o óleo de copaíba e por fim a castanha. Desta maneira, a preocupação das populações regionais do médio Tocantins em neutralizar os Gaviões data do início da exploração da castanha (por volta de 1910), desde que fosse possível encontrar reservas deste produto em territórios indígenas. Dá-se assim a penetração nas matas da margem direita do Tocantins a fim de localizar castanheiras, na mata, além de obstáculos naturais, era necessária a neutralização dos Gaviões, mais "perigosos" do que a própria floresta equatorial, já que representavam um verdadeiro obstáculo ao "progresso" e a "civilização". Segundo R. Da Matta, "as palavras pacificação, catequização ou simplesmente extermínio, passaram a se constituir em projetos de ações que moviam as pessoas mais interessadas em estabelecer relações com os índios" (5).

(5) Da Matta, Roberto, op.cit. pág. 75.

Desta maneira, a mola de todas as ações movidas contra eles era a exploração dos castanhais - dentro de seu "habitat" - que eram por eles controlados na época, quando os brancos viam os índios como "maldosos" e os índios viam-se como vítimas, numa situação já encarada como perdida.

Obtivemos informações (Kokrenun) de que a tribo se havia seccionado antigamente em quatro grandes grupos por motivos de brigas internas: RONKATEGE (Cocal), próximos à cabeceira do rio Jacundá, AKRÁTIKATEGE (Montanha) no Rio Capim, KRĪRŌHĒRE na cabeceira do Rio Muju e um grupo menor que havia ido se fixar no Maranhão, perto de Imperatriz, os KÁIKATEGERE. Este último está agora na Aldeia da Ladeira Vermelha, no P.I. Mãe Maria.

Mais tarde, com a depopulação do grupo do Rio Muju, de vida principalmente a malária (hipótese mais porvável diante das informações dadas por Kokrenun) e também por causa da morte de seus dois chefes tribais, os elementos restantes (em sua maioria crianças e adolescentes) juntaram-se ao grupo do Rio Jacundá (Cocal) onde Kokrenun já era o chefe. Foram se fixar na cabeceira do Rio Praia Alta, a leste de Itupiranga, onde permaneceram durante 15 anos aproximadamente. O grupo da Montanha, por motivo de brigas com os anteriores (roubo de mulheres e posse de terras) foi se localizar em frente a Tucuruí. Nesta época talvez, foi feito o primeiro contato "oficial" com os Gaviões que estavam em Praia Alta, pelo Frei Gil Gomes (década de 50). Muita gente vinha morrendo naquele local (doenças) e por isto resolveram ir para Itupiranga, onde ficaram morando por 3 meses em plena cidade, num barraco, às custas da população local. Segundo Kokrenun, "o povo de Itupiranga dava muitos presentes para gente, comida, roupa ...". Voltaram para Praia Alta, já com o S.P.I. na esperança de que a situação fosse melhor; no entanto, continuou morrendo muita gente, nunca houve assistência médica, a não ser dos missionários que esporadicamente iam ao local levar ~~medicamentos~~ medicamentos (Frei Gil e mais tarde P. Caron). Foi nesta época - quando estiveram morando em Itupiranga - que vieram a conhecer "dinheiro" e tudo que fabricavam, colhiam, coletavam e caçavam passava a ter, lentamente, valor em termos monetários, o que desencadeou um rápido processo de mudança.

Um funcionário do S.P.I. (Cornélio) fôra à aldeia de Praia Alta dizer aos seus moradores da existência de "Mãe Maria", onde havia sido construída um posto de atração (por volta de início da década de 60). Nesta ocasião, disse-lhes que o local onde

estavam não lhes pertencia e que por isso começam a surgir problemas com o proprietário das terras, pois eles vinham coletando castanha do local e vendendo em Itupiranga. O transporte desta castanha era feito por burros e patrocinado por um funcionário da Prefeitura de Itupiranga. O encarregado SPI disse-lhes que no posto de Mãe Maria há havia cinco barracos construídos especialmente para eles, uma pequena roça começada e que a grande vantagem era que a terra lhes pertencia e "tinha muita castanha".

Quanto à propriedade da terra, tivemos a oportunidade de ver a escritura oficial do terreno (onde estão fixados atualmente): doação da viúva João Anastácio de Queiroz de uma gleba de 52607 hectares aos índios Gaviões em 1925, data da primeira escritura publicamente lavrada em cartório de Marabá, tendo sido reiterada em 1943, e definitivamente ~~em~~ promulgada em 1945, com simples alterações de termos jurídicos a fim de torná-la mais precisa. Estas escrituras são minuciosas quanto à doação efetiva do terreno, bem como à sua demarcação por limites geográficos e demais questões jurídicas referentes à propriedade de terras.

Mudaram-se finalmente para o P.I. em 1966, trazidos por Cotrim, encarregado do SPI. Encontraram de fato uma pequena roça no local (batata doce, inhame, mandioca, abóbora, amendoim, arroz, melancia, banana e milho) além de muita cana de açúcar e os 5 barracos. Mas encontraram também muitos posseiros na área, os quais os índios foram aos poucos afugentando, ajudados pelos encarregados do SPI, até ficarem sós nas terras de sua propriedade.

Fizeram mais 4 roças no tempo do SPI, quando moravam bem junto à estrada-na época, um caminho estreito, hoje, a Pa-70. Coletavam toda a castanha da área (dos dois lados do tal caminho) que era vendida em Marabá para particulares. Embora já conhecessem ligeiramente alguns mecanismos do "mundo do dinheiro", sentiam que estavam sendo "enganados" de alguma forma - não sabiam da existência da medida oficial do "hectolitro" para a castanha.

Com a grande produção de cana de açúcar, passaram a fabricar rapadura e melado, que eram vendidos pelo encarregado do SPI - "com isso, a gente nunca recebeu um tostão", segundo Kokrenum.

Um encarregado do SPI (de Belém) propôs a eles que tirassem a castanha, a qual ele venderia em Belém "por um preço bom" (Kokrenum). A produção passou a ser transportada de barco (SPI) pelos rios Flexeiros e Mãe Maria até São Félix (povoado pertencente à Marabá na margem direita do Tocantins, atualmente de onde continua a PA-70 deste lado do rio) de onde seguia para Belém. Começaram a perceber que algo não ia bem, pois o encarregado do SPI nun

ca chegou a lhes pagar mais do que 5,00 cruzeiros por hectolitro. Chegaram a se sentir roubados quanto à questão da castanha que co letavam, durante a administração do Serviço de Proteção ao Índio (2 anos junto aos Gaviões).

Em fins de 1967, começa a administração da Fundação Nacional do Índio. A aldeia foi recuada uns 100 metros para onde está atualmente em Mãe Maria. Eles mesmos construíram as casas e a aldeia foi aumentada - hoje são 10 moradias. O próprio Cotrin, que os havia trazido para o P.I. Mãe Maria, foi encontrar o grupo que estava no Maranhão (KÂIKATEGERE), ainda arredio, e procurar trazê-lo para o posto, onde foram se fixar ao norte deste território indígena, próximo ao Rio Maguary.

O atual "capitão" deste grupo (Kinaré - colocado pela FUNAI em tal cargo) tinha vindo de Tucuruí para Mãe Maria com mais 7 índios - todos do grupo da Montanha, AKRÂTIKATEGE - trazidos pela FUNAI, que ficaram junto ao P.I. Kinaré foi incumbido de ir se encontrar com o grupo do Maranhão e convencer-lhes de que o local onde estavam (Maguary) "não era bom, muito longe da estrada, do posto e da cidade", segundo ele. Acabou trazendo-os para um lugar próximo ao Ribeirão Mãe Maria, onde permaneceram algum tempo (passando até mesmo fome, pois no local "não tinha nada" segundo Kinaré) até escolherem um outro local melhor, onde "desse pra fazer roça e construir as casas" (Kinaré). Foi assim que foram se fixar na aldeia da Ladeira Vermelha, construída por eles mesmos a 800 metros para dentro da estrada (PA-70), onde estão atualmente sob os cuidados das Missões Novas Tribos do Brasil.

O Serviço de Proteção ao Índio havia começado a construir a sede do posto (km 30) (alvenaria) e mais uma casa ao lado para o encarregado, construções estas que foram concluídas mais tarde pela FUNAI; mais recentemente, foram erguidas no local as instalações físicas de um hospital e de uma escola, que permanecem inativos, além de uma casa de alvenaria (4 peças pequenas) para o "capitão" da aldeia, em 1972. Foram feitas promessas, pela mesma entidade, de construção de "7 casas boas para morar", segundo Kokrenun e supostamente iguais à sua, de uma casa de farinha (de mandioca) com máquinas e de um poço artesiano na aldeia (pois existe um poço no local de medição de castanha! - ver adiante), além da falada doação de um caminhão, promessas estas cuja concretização os índios ainda esperam, ingenuamente.

O PROBLEMA DA CASTANHA

Os índios Gaviões de Mãe Maria continuaram a explorar a castanha, abundante na região (e principalmente dentro de seu território), que era transportada de caminhão até São Félix e por um grande barco (penta) até Marabá, onde era vendida. No início da administração da FUNAI, passaram a receber 7,00 cruzeiros por hectolitro de castanha vendida. Com o segundo chefe do posto de Mãe Maria, metade da produção da castanha coletada por eles (somente pelos índios) era vendida em Marabá a um preço que variava de 15,00 a 20,00 cruzeiros por hl. - "o dinheiro vinha todo pra gente, era bom", segundo Kokrenun. A outra metade da produção ia para Belém e "a gente não recebia nada" (Kokrenun). De 7,00 cruzeiros, o preço do hl. de castanha pago aos índios - Gaviões pela FUNAI passou a 8,00, 10,00, 12,00 e 15,00 cruzeiros consecutivamente (este último preço em 1973).

No ano de 1974, Kokrenun foi a Belém disposto a resolver a questão da fixação do preço da castanha com o Delegado Regional da Fundação Nacional do índio naquela cidade, convicto de que esta tarefa lhe competia, já que eram seus homens que coletavam a castanha de 4 "colocações" dentro do território de sua propriedade. Outras 5 colocações são exploradas pelo grupo da Ladeira Vermelha, sendo que destas 5, apenas 3 são efetivamente exploradas, pois as outras - além de não produzirem muito - estão localizadas em região de malária ("não vale a pena", segundo Kinaré). -É de extrema importância ressaltarmos aqui o fato de que outras 20 (vinte) colocações situadas neste território tribal são sistematicamente exploradas pela Fundação Nacional do índio desde 1971, que contrata temporariamente castanheiros "civilizados" da região para o trabalho de coleta do produto. No ano de 1974, estes castanheiros foram pagos a 15,00 cruzeiros por hl de castanha lavada.

A safra anual é de janeiro a junho, geralmente.

A ida de Kokrenun a Belém em 1974 resultou na exigência de um pagamento de 37,00 cruzeiros por hl. sendo que 30,00 seriam pagos (por hl) para seus homens, individualmente e 7,00 cruzeiros para si de "comissão". Afirmava que, se a proposta não

* "colocações" são picadas abertas na mata, que levam a uma área densa de castanheiras, onde constroem um barracão (com folhas de babaçu) que serve de abrigo aos coletores durante a safra.

fosse aceita toda a castanha ficaria na mata, i.e. sem ser apanhada e, portanto, perdida a produção. A questão foi evidentemente resolvida a seu favor e foi esta a primeira vez que recebeu a "comissão" pela produção de castanhas coletadas por seus homens e pela produção das 20 colocações exploradas pela Fundação Nacional do Índio. No final da safra, Kokrenun recebeu 7 mil cruzeiros equivalentes a 1.000 hl (toda a produção, que soubemos, pelo chefe do posto, ter sido baixa no ano passado). Desta renda, 2 mil cruzeiros tinham sido gastos no "rancho" (ver adiante) para todos os membros da aldeia e Kokrenun ficara portanto com 5 mil para as despesas de sua família até a próxima safra (mentimentos cartuchos, roupas).

Nest^o ano queria fazer o mesmo: ir à^{2o} DR de Belém ou até mesmo à Brasília defender seus interesses quanto ao preço da castanha, o qual sabia que seria mais baixo em relação àquele que estava querendo. Kokrenun iria fazer uma proposta de 55,00 cruzeiros por hl, sendo 40,00 para sua turma (individualmente) e 15,00 cruzeiros para si de "comissão" por hl de toda a produção (índios e "civilizados"). Cada índio da aldeia de Mãe Maria coleta, lava e mede a sua castanha, embora as colocações sejam exploradas em grupos de 4 pessoas. Kokrenun fica na aldeia, mesmo em tempo de safra, para garantir, junto com o "farinheiro", a alimentação das mulheres e crianças, que geralmente também não vão para a mata trabalhar na castanha. Este outro homem que fica na aldeia prepara a farinha de mandioca que é vendida aos castanheiros (índios e, neste ano, talvez aos "civilizados" também) a 30,00 cruzeiros a lata de 18 litros - a renda fica para si.

Por interferência do chefe do posto, Sr. Osmundo dos Anjos, Kokrenun não foi a Belém, já que tinha sido convencido de que não adiantaria nada, pois o preço da "castanha dos índios" havia sido fixado em 35,00 cruzeiros o hectolitro para os coletores e 10,00 ou 12,00 cruzeiros (ainda não estava decidido) de comissão para o "capitão". E, os castanheiros "civilizados", serão pagos a 30,00 cruzeiros por hl. Cabe salientarmos aqui que, neste ano o preço mínimo estabelecido pelo Governo Federal para o produto (Comissão de Financiamento da Produção) é de 82,00 cruzeiros por hl, em Marabá.

A questão agora era resolver -Kokrenun e seus homens -

se iriam ou não apanhar a castanha a este preço (pouca coisa mais alto do que no ano passado), pois já era quase fim de janeiro e os índios ainda não haviam saído para a mata, e sendo que neste ano todos preveem uma safra muito grande. Mais uma vez o chefe do posto intercedeu na decisão, convencendo-lhes de que era realmente o único dinheiro de que poderiam dispor durante o ano e "como iriam fazer se não fossem apanhar a castanha?" (Sr. Osmundo). Nos últimos dias de janeiro p.p., os homens da aldeia de Mãe Maria saíram para a mata ^{para} construir o barracão que lhes serviria de abrigo durante o período da safra. E, no último dia deste mesmo mês, Kokrenun recebeu 3 mil cruzeiros (em dinheiro) - adiantamento para o chamado "rancho" da castanha (aviamento) - que foram distribuídos aos 13 homens da aldeia que iriam para os castanhais: 200,00 cruzeiros para cada um, que foram gastos em roupas, botas, etc. comprados em Marabá para trabalhar. O resto do "rancho" (mantimentos) chegaria nos próximos dias, vindo de Belém pelo Caminhão da FUNAI, que chega 2 vezes por semana à Mãe Maria para transportar a castanha (da FUNAI e a dos índios) que é vendida naquela capital. Até meados de fevereiro p.p., já haviam sido transportados por volta 500 hectolitros, segundo Adamastor, motorista deste caminhão. O aviamento vai sendo retirado do "barracão", no próprio posto e controlado pelo encarregado, à medida em que vai sendo necessário e debitado de uma conta individual fictícia, cujo saldo é entregue aos produtores no final da safra (início do "verão", i.e., junho). Esta questão de aviamento funciona igualmente tanto para os índios como para os castanheiros "civilizados". O preço das mercadorias vendidas no barracão (arroz, feijão, óleo, querosene, fumo, sal, açúcar) são os mesmos - ou as vezes superiores - aos das mercearias de Marabá. (6)

A castanha é transportada das colocações para o posto de medição - um barracão no km 25 da PA-70 - por tropeiros pagos pela FUNAI a 8,00 cruzeiros o "tombo" (distância da colocação ao posto de medição). Os tropeiros que apanham a castanha da aldeia da Ladeira Vermelha ganham 16,00 cruzeiros por tombo, já ^{que} a distância é bem maior (bem mais que o dobro, considerando que suas colocações são bem mais distantes da estrada do que as da aldeia de

(6) Uma lata de óleo da babaçu custa, em Marabá, 7,00 cruzeiros, sendo que é vendida no "barracão" do P.I. a 10,00 cruzeiros.

Mãe Maria). Cada tropeiro (ao todo 8 neste ano) possui 5 ou 6 burros, que transportam de 10 a 12 hl de castanha por viagem. Estes animais são mantidos com o milho vendido pelos índios de Mãe Maria que não saem da aldeia, a 80,00 cruzeiros a saca.

Cada hectolitro - medido na mata - corresponde para o tropeiro a 5 latas de querosene (18 litros cada) de castanha suja ou 6 latas de castanha limpa⁽⁷⁾. A castanha é lavada pelo produtor no próprio posto de medição (km 25 da PA-70), onde há um poço artesiano especialmente perfurado para isto pela FUNAI. Os coletores assistem à medição de sua castanha, feita pelos 2 funcionários do posto indígena, o chefe do posto e o encarregado auxiliar. O hectolitro, no posto de medição corresponde a aproximadamente 120 litros - é o tradicional "roubo da cabeça do hectolitro", já muito conhecido em toda a região de Marabá, que se estende também à produção indígena da castanha.

Por ocasião da safra, o encarregado do posto (não o chefe) muda-se com a família para o local de medição da castanha (km 25) e, em sua casa, no P.I. Mãe Maria, fica morando um soldado (PM) que vem de Marabá para vigiar o posto, impedindo a entrada de estranhos na aldeia. No posto de medição há um fiscal índio, pela primeira vez neste ano, contratado pela FUNAI (300,00 cruzeiros por mês) para vigiar a mata, impedir que haja roubo de castanha, etc. Quando acabar a safra ele volta para a aldeia, assim como o encarregado, que volta para o posto e o soldado que re

(7) Castanha "suja" é aquela que se apresenta da maneira como é coletada, ou seja, por ficar "armazenada" nos barracões na mata, a castanha fica misturada com folhas, gravetos, etc. ^o que aumenta o seu volume ao ser medida. A castanha "limpa" é, evidentemente, o produto lavado em água corrente (igarapé) ou de poço (no posto de medição).

torna à Marabá. O chefe do posto vai diariamente aos locais de medição. Além do posto de medição do km 25 - onde é medida a castanha dos índios e aquela coletada por "civilizados" para a FUNAI - há um outro no km 15 da mesma Rodovia (PA-70), este só da produção dos "civilizados", sendo que ambos estão situados dentro da propriedade indígena, que tem por limites laterais os Rios Fleizeiras (km 12) e Jacundá (km 37) [vide mapa anexo]

Como vimos, a vida dos índios Gaviões está fortemen-
te marcada pela exploração da castanha, desde início da adminis-
tração das ^{atividades} competentes. E a relativa vinculação de quase
toda a esfera econômica a esta atividade tende a se tornar cada
vez mais estreita, na medida em que os próprios índios estão pas-
sando a ter condições reais de "manipular" certos mecanismos de
mercado que, até há alguns anos atrás lhes eram desconhecidos (vi-
de questão da barganha em Belém no ano passado pelo preço da cas-
tanha). Isto pode vir a lhes favorecer muitíssimo quanto à co-
mercialização do produto por eles mesmos; mas, por outro lado, pe-
lo conhecimento ainda insuficiente deste processo econômico em
moldes capitalistas, pode vir também a lhes prejudicar no início.
Seria o caso de pensarmos na viabilidade de uma orientação (ape-
nas) para que eles pudessem de fato comercializar sozinhos a sua
produção econômica, sem o trabalho de intermediários, o que lhes co-
feriria uma real autonomia, que já existe em estado latente(8).

ATIVIDADES AGRÍCOLAS

Além do trabalho da castanha, efetuado de janeiro a
junho - "inverno" da região - os índios Gaviões possuem uma gran-
de roça de milho, arroz, mandioca e banana (e legumes - abóbora, ba-
tata doce, inhame, amendoim - em ^{menor} quantidade), onde trabalham (ho-
mens) nos meses de "verão" (junho a dezembro).

(8) Esta questão será tratada em projeto a ser futuramente apre-
sentado ao Convênio, que definirá os termos da continuação des-
te trabalho, com vistas à resolução dos problemas apontados.

A lida na roça é feita da seguinte maneira: queimam o terreno, semeiam imediatamente antes das primeiras chuvas e, no começo do "inverno" limpam a plantação (antes de entrar para os castanhais), para colhê-la no início de outro "verão" - maio, junho - e em seguida reiniciar o ciclo. Toda a produção destas roças é quase que exclusivamente consumida na aldeia. Já chegaram a comercializar toda a produção de arroz (1974), que dizem ter sido de má qualidade. Em seguida, compraram arroz em Marabá para consumo na aldeia com a renda do próprio produto que haviam cultivado. Para este ano, esperam que a produção seja grande e de boa qualidade e afirmam que talvez venham a vendê-la "só se tiver muito mesmo" (Kokrenun). Este é um outro ciclo de atividade econômica dos índios Gaviões, também de grande importância, que teremos oportunidade de observar futuramente. Quando terminar a castanha, época que coincide com o início da colheita das roças, eles estão pensando em fazer uma grande festa, a qual não se realiza há muito tempo (PÖHYTETET - festa do milho).

ATIVIDADES PECUARIAS - A QUESTÃO DO GADO

Durante o final do último "verão", os índios Gaviões de Mãe Maria terminaram de cercar o enorme pasto que vinham preparando há 2 anos para receber o gado que lhes foi doado (4 vacas e 1 boi da raça gir) pelo Dr. João Paulo Botelho Vieira F., da Escola Paulista de Medicina, que vem prestando assistência a estes índios (envio de medicamentos para as duas aldeias). O gado permaneceu quase que dois anos sob os cuidados do Sr. Diretor do 'Campus' Avançado de Marabá (USP), à espera de que o pasto ficasse pronto (cercado, etc.). O gado irá o mais breve possível para a aldeia, já que agora está dependendo apenas da boa vontade de pessoas ligadas ao Campus Avançado que possam ajudar a providenciar o transporte dos animais para o pasto da aldeia dos Gaviões (este transporte será pago pela Fundação Nacional do Índio, por intermédio da 2ª DR de Belém).

O gado está em excelentes condições, tendo sido sistematicamente examinado pelos estudantes de Veterinária da USP que atuam no 'Campus' Avançado de Marabá. Estes fizeram um programa de

vacinação para o gado, que deverá ficar a cargo do chefe do posto indígena de Mãe Maria e do índio Gavião (Jontapti) que foi a Belém no início de 1974 para fazer um curso de vaqueiro sob os auspícios da Fundação Nacional do Índio (9)

Quanto à divisão do trabalho na aldeia, é sabido que esta se dá entre os sexos. Os homens ocupam-se basicamente da lida na roça e nos castanheais, além de caçarem e pescarem. Na aldeia são eles quem fazem a farinha de mandioca, com o auxílio esporádico das mulheres. Caçar e pescar também são atividades femininas, além de cuidar da casa, do preparo dos alimentos e das crianças.

LIMENTAÇÃO

Observamos também os hábitos alimentares do grupo, como condição básica de sua subsistência, independentemente da renda que obtém com a safra anual da castanha. Assim, vimos que as técnicas de obtenção de alimento são, principalmente a caça com espingarda, nas mãos ou na armadilha (daí a grande necessidade de cartuchos) e a pesca com linha e anzol.

Durante o "inverno" regional, sua alimentação básica (2 refeições diárias) consiste principalmente de caça - tatu, jabuti, macaco, cotia, paca, veado e porco do mato (os três primeiros são os mais frequentes de serem encontrados nesta época) - alguma pesca, pois os rios estão cheios e não há quase peixe (10) e

(9) Jontapti deveria estar de volta em novembro p.p. o que não ocorreu. Todos na aldeia de Mãe Maria estão aguardando desde então a volta de Jontapti (Raimundo), que souberam pelo chefe do posto ter adoecido em Belém (catapora). No entanto soubermos pelo mesmo chefe do posto que este índio está sendo alfabetizado naquela cidade, onde mora atualmente num QG e não está querendo voltar para Mãe Maria, onde ele já deveria estar ocupando uma função específica (preparo do pasto, construção do curral, etc.). Os membros da aldeia sempre pede informações sobre Raimundo, as quais são dadas de um modo distorcido pelos encarregados do posto, conhecedores de sua situação real dizem que Raimundo ainda está fazendo o curso para vaqueiro, "agora em fase de estágio" e que voltará em breve.

(10) Há apenas uma canoa na aldeia, a remo, que é utilizada por Kokrenun, para pesca no iguarapé - Ribeirão Mãe Maria - que corta a aldeia pelo lado.

e frutos regionais em abundância, apanhados nas proximidades da aldeia - cupu, bacaba, açai, palmito. O leite que extraem da castanha entra basicamente no preparo de quase todos os alimentos (principalmente no cozimento das caças e no preparo do cupu). Utilizam muito a farinha de mandioca em todos os seus alimentos, de modo indispensável; ela é fabricada por eles segundo os moldes sertanejos.

Existem novos hábitos alimentares como o consumo de arroz, café, açúcar, sal, óleo vegetal enlatado para o cozimento de alguns alimentos e também "frituras". Possuem um pequeno número de galinhas para consumo, que vivem soltas pela aldeia, junto às casas. Segundo Kokrenun, anualmente as galinhas são atacadas por uma espécie de epidemia (desconhecida dos índios) - todas morrem, não chegando a pôr ovos. O hábito de criar galinhas também foi introduzido.

Já no "verão", eles dispõem dos produtos de suas roças - milho, mandioca, banana, arroz, abóbora, inhame, batata doce, etc. - além de muita caça e pesca, atividades que são intensificadas nesta época, quando a mata está mais seca e os rios bem baixos. É uma questão que também teremos oportunidade de observar futuramente, na próxima ida à aldeia, em maio.

SAÚDE

Demos uma grande atenção a todos os problemas de saúde apresentados pelos índios Gaviões do P.I. Mãe Maria - um dos objetivos mais importantes do projeto apresentado ao Convênio USP-FUNAI. Constatamos uma grande incidência de gripes fortíssimas, constantes sintomas de malária e disenteria (febres, vômitos, etc.) além de inflamações dos gânglios ("doenças desconhecidas", segundo a atendente do P.I.), furunculose em alta escala, anemia e verminose. Constatamos também a farta e indiscriminada administração de antibióticos e penicilinas de amplo espectro (tipo "AMPICILINA") para quaisquer casos, inclusive gripes, pela mesma atendente. Esta não observa o menor controle sobre o estado de saúde dos índios de um modo geral, limitando-se apenas a fazer visitas vespertinas à aldeia, quando "vai aplicar as injeções", sem observar entretanto hábitos de assepsia (adequada desinfecção de agulhas, etc.). Ao ser solicitada por um dos membros da aldeia, a demora do atendimento e a incompetência já é algo esperado por parte dos índios.

Soubemos de três prováveis casos atuais de TB pulmonar na aldeia, todos em adultos (homens) de mais de 30 anos e todos de conhecimento da atendente, que até o presente momento não havia tomado as devidas providências. No P.I. Mãe Maria há um "hospital", que embora não dispondo de instrumental para exames de laboratório nem de medicamentos mais específicos - contra gripe ou mesmo TB, por exemplo - possui uma farmácia relativamente bem equipada com medicamentos (CEME) enviados pela FUNAI (anti-diarreicos, anti-maláricos e antibióticos em geral).

Soubemos também do caso de um indivíduo, Antonio (atualmente com quase 40 anos, casado, 3 filhos) - um dos melhores artesãos do grupo. Este índio já teve TB pulmonar, tendo sido encaminhado para a Casa do Índio em Belém para tratamento, de onde fugiu devido aos maus tratos e poucas condições de sobrevivência. Desde então permanece na aldeia, não caça, não trabalha na roça nem na castanha, ainda apresentando sintomas da doença. Mais recentemente, por ocasião de nossa estada na aldeia, não conseguia mais trabalhar na confecção de colares, arcos e flechas (que vende em Marabá), devido a uma forte dor causada por "cobreiro" (Herpes), localizado na região da cintura, o que passou a lhe impedir de trabalhar sentado. Anteriormente já havia sido medicado no hospital do SESI em Marabá, com o qual a FUNAI mantém convênio para atendimento dos índios, na categoria de indigentes (e onde todas as mulheres da aldeia de Mãe Maria dão à luz). Lá recebeu a receita de uma pomada de penicilina e de violeta genciana para aplicação local durante tempo indeterminado (terapia ineficaz para a doença).

Era impossível, segundo a atendente, que o P.I. providenciasse os medicamentos receitados; assim Antonio conseguiu comprá-los por uma única vez. Os remédios acabaram, o dinheiro que ele ganha com a venda dos artefatos é insuficiente para comprá-los de novo e ao P.I. continua sendo impossível providenciar estes medicamentos. A situação de Antonio e sua família começava a ficar realmente ruim. Comunicamos o fato à atendente, que depois de uma semana conseguiu providenciar a ida de Antonio para Belém, onde se supõe que seja devidamente tratado. Todos os índios desconfiam de qualquer "tratamento em Belém". Sabemos que o estado do alojamento onde permanecem naquela cidade é por demais precário; os doentes ^{nao} são isolados, a alimentação que lhes é fornecida é absolutamente insuficiente e a desatenção por parte dos encarrega-

dos é constante, além do fato de que, ao retornarem à aldeia, quase sempre são portadores de doenças adquiridas naquele alojamento. Daí a "fama" da Casa do Índio mantida em Belém pela FUNAI.

Durante nossa estada na aldeia, verificamos a existência de um de um caso de varicela (catapora) - uma menina, Iraci, de 9 anos de idade. Ela permanencia normalmente na aldeia, brincando com as outras crianças e tendo contato com adultos (3 na mesma casa onde mora), sendo que é de senso comum o fato de que catapora é uma doença contagiosa. Não foram tomadas providências de assepsia e muito menos de isolamento da criança durante a doença que, como já se verificou, entre os adultos pode vir ser fatal. (já houve em 1969, um caso de morte na aldeia - uma mulher de 30 e poucos anos - por catapora). Após constatar todos estes fatos, entendemos porque os índios Gaviões de Mãe Maria deixam, muitas vezes, de solicitar os serviços da atendente do P.I. uma assistência que, por menor que fosse, diante das poucas condições materiais para tal, poderia ser ao menos marcada por uma responsabilidade considerável por parte dos encarregados, o que ^{nao} ocorre (caso da farta administração de antibióticos). O descrédito em relação à atendente por parte dos índios é quase total, bem como a recíproca falta de atenção (no sentido mais amplo do termo) diante dos casos surgidos.

Queremos ressaltar aqui a real necessidade da assistência médica sistemática. Soubemos que, desde o início da administração da FUNAI, houve apenas 4 visitas médicas à aldeia (2 médicos, duas vezes cada um) de pouca duração - só alguns dias de permanência dos profissionais no local - o que foi considerado ineficaz por parte dos próprios índios ("o que adianta encher a gente de remédios e depois ir embora"), segundo Jonkorenua).

A questão de assistência médica e dentária sistemáticas deveria, a nosso ver, merecer mais atenção. Seria preciso um programa seriamente estabelecido de atendimento por profissionais realmente competentes e dispostos a um trabalho de pesquisa, também sistemático, a respeito dos casos surgidos e medicamentos administrados aos índios. Como se sabe, estes apresentam um tipo particular de resistência, não possuindo em muitos casos anticorpos para determinadas doenças. Por outro lado, podemos afirmar de antemão que a enorme incidência de gripes fortíssimas, febres, etc. tem como causa (um dos fatores e o principal) o contato fre

quente com a cidade, inevitável diante de suas necessidades criadas de troca-venda de objetos, por eles manufaturados. Este contato com a cidade, ligado ao problema de falta de mulheres na aldeia, pode levar muitas vezes ao possível aparecimento de doenças venéreas adquiridas nas prováveis idas dos homens à zona de prostituição dos núcleos urbanos. Aliando-se a isto, existe o fato de que o controle sobre tal incidência é inexistente, já que tais doenças podem passar despercebidas.

Vemos assim que uma assistência médica e dentária, ambas extremamente necessárias, não fazem sentido se não obedecerem a um programa pré-estabelecido, sério, que implique numa continuidade de trabalho. Cabe ressaltar aqui a importância de um esquema de vacinação periódica. Aliada à assistência sistemática, uma permanência razoável dos profissionais nas aldeias é algo de extrema importância para o desenvolvimento de um trabalho eficiente e controlado. Ressaltamos aqui o fato de que o P.I. Mãe Maria dispõe das instalações físicas de um hospital, como já mencionamos. Isto significa que, com um mínimo de infraestrutura já existente (e passível de ser muito melhor) poder-se-ia manter uma assistência médica realmente eficaz no referido P.I., coisa que é a nosso ver, uma das questões mais importantes ao considerarmos o precário estado de saúde em que vivem (principalmente as crianças, sempre doentes-gripe, verminose, febres, etc.).

É importante mencionarmos também o fato de que até há pouco tempo atrás, o Campus Avançado de Marabá (USP), ligado ao Projeto Rondon, dispunha de estudantes de Medicina que atuavam inclusive nas áreas indígenas da região, o que era muito bem aceito pelos beneficiados. Também durante nossa estada na aldeia, os estudantes de Odontologia (5º ano/USP) fizeram uma visita (de algumas horas de atendimento) ao P.I. Mãe Maria, tendo efetuado 4 extrações na aldeia de Ladeira Vermelha, sob precárias condições de trabalho, o que resultou mais tarde na inflamação do maxilar de um dos índios que havia sido tratado. Na extração, a raiz do dente - um molar - havia quebrado acidentalmente e não foi possível retirá-la, diante a necessidade de uma cirurgia de emergência, que só poderia ser efetuada no consultório onde os estudantes trabalhavam em Marabá. O indivíduo permaneceu com séria inflamação no maxilar, o que o impediu de trabalhar (castanha) e até mesmo de caçar por algum tempo.

ATUAÇÃO DO "CAMPUS" AVANÇADO

Quanto à atuação do Marabá (USP) junto às aldeias dos Gaviões nos moldes do Convênio USP/FUNAI, esta poderia ser de grande utilidade se se dispusesse de agrônomos para assistência técnica às atividades agrárias que desenvolvem atualmente. Dos veterinários, assistência às atividades pecuárias que os índios estão iniciando e que pretendem desenvolver ainda mais—aumentar o rebanho de gado bovino com as renda da castanha. Durante a nossa estada, as turmas do Campus Avançado, levadas por seu Diretor, costumavam visitar semanalmente a aldeia, onde tivemos a oportunidade de ver a "invasão". São 15 ou 20 minutos de pura especulação do local, movida por simples curiosidade turística. Os índios procuram vender tudo que tem à mão, inclusive objetos de uso doméstico, além de arcos, flechas, colares, e maracás, objetos que têm como compradores certos o "pessoal do Projeto (Rêdon) que só vem ver como a gente vive aqui ... acham que a gente é bicho... antigamente vinha médico, dentista, tudo ... agora não vem mais nada" (Kinaré, "capitão" da Ladeira Vermelha). Estas visitas têm toda a permissão do chefe do posto, que normalmente impede a entrada de estranhos na aldeia, qualquer que seja sua finalidade, afirmando que isto "é uma norma da FUNAI".(11).

HIGIENE - Os índios de Mãe Maria dispõem de 3 fossas sanitárias na aldeia, sendo que só uma delas é sistematicamente usada—aquela construída pela FUNAI, de alvenaria, ao lado da casa do "capitão".

As outras (construídas por antigo encarregado da FUNAI) parecem não ser usadas—são de madeira e foram "invadidas" pelo mato. Os detritos alimentares (casca de frutas, ossos e peles de animais de caça, etc.) bem como matérias fecais das crianças e dos cachorros que vagueiam pela aldeia—são simplesmente jogados e amontoados próximos às moradias, tornando-se evidentemente, foco de fermentação e proliferação de germes, bactérias, etc. nocivos à saúde.

(11) Para fins de esclarecimento, todos estes aspectos referentes a atuação do "C.A." de Marabá, nos moldes do Convênio USP/FUNAI já foram devidamente tratados (março/75) em conversas informais com membros dos órgãos responsáveis, ^{antes} ~~antes~~ ~~de~~ ~~uma~~ que fosse definida—mediante este 1º levantamento—uma linha sistematica de trabalho nas possíveis esferas de atuação efetiva junto aos indígenas da região de Marabá.

A água que utilizam para cozinhar, beber, lavar roupa e louças, bem como para tomar banho é proveniente do igarapé Mãe Maria, que dista uns 150 m da aldeia, aproximadamente.

A educação sanitária, assim como a perfuração de um poço artesiano na aldeia são medidas possíveis que certamente viria a melhorar as condições de higiene do grupo, medidas estas que ^{nao} seriam simples e meras "introduções" de hábitos estranhos aos índios Gaviões, devido ao seu relativamente avançado grau de contato (e conhecimento) quanto a determinados costumes urbanos, "civilizados".

EDUCAÇÃO

Quanto à questão de educação, observamos que o ensino da língua portuguesa às crianças e aos jovens em geral, é vista pelos Gaviões como algo de muita necessidade, já que estão cada vez mais próximos e envolvidos com a sociedade global. Isto viria a lhes possibilitar a resolução de muitas questões de seu interesse sem a tutela impositiva de quem quer que fosse. Por outro lado, os mais velhos da aldeia de Mãe Maria também não esquecem a necessidade de de um ensino paralelo da língua nativa, pois percebem que seus filhos e, com certeza seus netos, não saberão mais falar a língua, coisa de que se ressentem.

A importância dada à língua nativa é justificada na medida em que ela é um dos elementos vivos (e passível de ser plenamente preservado) de identidade específica do grupo indígena e um de seus meios de comunicação verbal, principalmente quando este já "perdeu" de fato muitos elementos igualmente específicos e característicos de sua cultura, diante do surgimento de um novo referencial, a sociedade envolvente.

Evidenciamos assim a necessidade de um programa de ensino bilingüe para o qual é extremamente importante e indispensável o treinamento de professores especializados e competentes para tal atividade. Já mencionamos o fato de que está sendo realizado um levantamento da língua "Gavião" (Jê do Norte e original do grupo do subgrupo linguístico onde até então vinha sendo classificada: o Timbira) por uma linguista, Leopoldina Araújo, a título de Mestrado pela Universidade Federal de Santa Catarina. Este material poderá ser futuramente aproveitado (depois de elaborado em cartilhas) para o ensino bilingüe nas aldeias dos Gaviões. Todos demonstram muita vontade e interesse em aprender, percebendo sua necessidade.

Scubemos que a filha de Kokremun - Iracema, 10 anos-já frequentou o Grupo Escolar de São Félix, onde morava na casa de familiares do chefe do posto naquele povoado à beira do Tocantins, no ano de 1974, tendo entrado no 1º ano primário. Depois de 3 meses de aula, Iracema retornou à aldeia, devido à incidência de casos de meningite em Marabá, não tendo voltado mais para a escola diante da promessa (por parte do então chefe do posto) de funcionamento - para este ano - da escola existente no P.I. Mãe Maria, inativa por hora.

Esta escola, isto é, suas instalações físicas, já existe no posto desde 1973 e, enquanto benefício no referido P.I., só será de fato realizado quando estiver em pleno e adequado funcionamento.

RELAÇÃO ENCARREGADOS DO POSTO / MEMBROS DA ALDEIA / SOCIEDADE GLOBAL

A relação do chefe do posto para com os índios apresentava uma distância muito grande; com a safra da castanha, ele dedicava todo seu tempo e atenção exclusivamente à maximização desta produção. Assim, deixava de lado a aldeia, seus moradores e seus problemas, bem como as condições da mão de obra indígena disponível que estava deixando a aldeia por 4 meses, aproximadamente, para coletar a castanha. Como já mencionamos, havia 3 homens com claros sintomas de TB pulmonar, além de outro provavelmente com reumatismo (ombro e costas) - todos os casos de conhecimento da atendente do P.I. - que foram para a mata, onde vão passar este tempo com um cesto nas costas, carregado de castanhas molhadas, o que só virá a agravar seu estado de saúde.

Ainda pelo fato de o chefe do posto se encontrar única e exclusivamente preocupado com a safra da castanha, os índios se sentem liberados para a iniciativa de tomar as demais decisões em relação à aldeia, coisa que, por sinal, eles têm plena capacidade ^e condições de fazer sem a tutela ou interferência direta do chefe do posto. Isto leva, muitas vezes, ao fato dos índios simplesmente comunicarem a este encarregado determinadas decisões, o que é quase que imediatamente rebatido por este.

Basta mencionarmos o que aconteceu quando, ao esperar pela fixação do preço da castanha para este ano, Kokrenun resolveu, juntamente com seus homens, terminar de cercar o pasto para receber o gado e trazer o material para construir o curral no término da safra da castanha. Era necessário providenciar o transporte de Marabá para Mãe Maria tanto do gado como deste material - telhas, arame farpado, estacas - usado e em péssimas condições, doado pela SUDAM. O chefe do posto, como represalia, "adiou" o máximo que pôde as providências, na esperança de que os índios resolvessem logo a questão da coleta da castanha. Finalmente, quando viu que aquela era mesmo a decisão de Kokrenun, mandou o caminhão da FUNAI (que vem semanalmente a Mãe Maria apanhar a castanha) buscar o material em Marabá.

Voltando à questão das condições e capacidade de tomarem decisões quanto às atividades e interesses do grupo, não podemos esquecer que todos os grupos indígenas sempre foram auto-suficientes e plenos de autonomia quanto à isto, antes de estarem sob a tutela de qualquer entidade. Os índios Gaviões de Mãe Maria são bastante conscientes de todos os problemas que os cercam, já que se encontram num grau bastante avançado de "intercambio" com a sociedade nacional, em diversos planos.

Por conversas, informais/^{observamos} que muitas vezes sentem-se explorados e "passados para trás" em suas transações comerciais - "pensam que a gente é bobo só porque é índio" (Jonkorenun) - como por exemplo, no preço que lhes pagam pelos artefatos vendidos em Marabá, numa loja comercial. Apesar de que nem todos os membros da aldeia fabricam artesanato para venda, aqueles que comercializam, o fazem individualmente. No momento, estão pensando em deixar de vender os objetos (colares, principalmente) à proprietária da tal loja, pois ela os compra deles por um preço e vende pelo triplo, coisa de que eles têm conhecimento e que os deixa profundamente contrariados (já que com ela a barganha por um preço mais alto não parece ser possível). Com isto, venderiam só para o "pessoal do 'Campus' Avançado", seus grandes compradores potenciais. É o mesmo tipo de preocupação que eles (os Gaviões) têm em relação à castanha que coletam e vendem para a FUNAI e ao pouco artesanato comprado pela ARTINDIA de Belém, por intermédio da 2ª DR, apesar de que neste último caso, sentem que a situação está melhorando (atualmente estão pagando 15,00 cruzeiros por colar e vendendo a 21,00 cruzeiros - Belém /fevereiro de 1975).

Em relação à vida tradicional dos índios Gaviões, observamos que a "integração" que vem se dando, de maneira tão rápida e desordenada, faz com que os próprios índios sintam dificuldade e embaraço em adequar modos tradicionais de pensar e agir face às novas exigências, as quais são, na maioria das vezes incoerentes e descontínuas. Diante desta situação, sentem falta de pontos referências mais estáveis e apoiados na cultura tradicional: trata-se, essencialmente, da língua nativa como meio de comunicação, das festas que acompanham o ciclo anual de atividades, da cultura material.

Quanto às práticas mágicas e rituais, estas são meramente abandonadas, o que leva os membros da aldeia a um certo temor em relação às forças sobrenaturais, nas quais acreditam, mas que, no entanto, não podem mais controlar.

Ainda no plano da cultura material, que até há bem pouco tempo era extremamente rica (e substancial na vida destes índios) está hoje reduzida a meros artefatos fabricados "por encomenda" para serem vendidos em Marabá. Eles chegam inclusive a ponto de manufaturar peças totalmente desconhecidas de sua cultura (como o caso das "saias do índio para carnaval", encomendadas pela proprietária da loja comercial de Marabá). É o interesse econômico despertado e frequentemente reforçado que leva a estas distorções.

Na medida em que se ressentem da falta destes padrões tradicionais, os índios Gaviões deveriam ser ajudados e estimulados a se desfazer das imagens estereotipadas de "índio", "não civilizados", e a retomar padrões de vida mais autênticos, que realmente lhes conferem identidade enquanto grupo.

ALDEIA DA LADEIRA VERMELHA

Quanto aos índios Gaviões da aldeia da Ladeira Vermelha - km 34 da PA-70 - ressaltaremos aqui os aspectos que caracterizam sua situação atual, que, como já mencionamos no início deste trabalho, difere em grande parte daquela do grupo fixa o na aldeia de Mãe Maria, junto ao P.I.

Como dissemos, foram trazidos do Maranhão, onde es-

tavam localizados próximos à Imperatriz, por um funcionário da Fundação Nacional do Índio há 5 anos atrás, época em que foram contatados pela primeira vez. Desde 1972, a aldeia está sob os cuidados das Missões Novas Tribos do Brasil.

Um primeiro aspecto que diferencia sua situação em relação à aldeia de Mãe Maria, é, evidentemente, o pouco tempo de contato inicial, aliado ao pequeno contato e intercâmbio atual com a sociedade envolvente (inclusive o próprio fato de a aldeia estar localizada a 800 metros para dentro da estrada), o que tem como consequência a relativa manutenção e preservação de seus padrões tradicionais de vida, marcados principalmente pela auto-suficiência do grupo.

O PROBLEMA DA CASTANHA

Outro aspecto, ligado ao anterior, está vinculado à produção da castanha, que se dá coletivamente na aldeia da aldeia Vermelha. Passaram a coletar e vender o produto para a Fundação Nacional do Índio desde que aqui chegaram, pelos mesmos preços que são pagos aos índios da aldeia de Mãe Maria, com a única e grande diferença de que os coletores não manipulam o dinheiro recebido pela produção da castanha.

Esta tarefa fica a cargo do "capitão" da aldeia - Kinaré, colocado pela FUNAI em tal função, como mencionamos anteriormente - que vende a castanha e, com a renda, compra uma determinada quantidade de mercadorias, tudo por intermédio do chefe do P.I. (às vezes no próprio barracão, no P.I., no final da safra, - ou em Marabá), tais como arroz, feijão, sal, açúcar, café, óleo, querosene, fosfórico, sabão, etc.), que distribui aos membros da aldeia, proporcionalmente ao trabalho deles.

O padrão de trabalho coletivo é algo que lhes é tradicional, assim como a não manipulação de dinheiro, diante do desconhecimento do valor monetário. No entanto, o chefe do P.I. afirmava que "daqui a 2 anos, cada um vai pegar a sua castanha, ter o seu dinheiro, tudo direitinho!"

A castanha dos índios da Ladeira Vermelha é transportada pelos tropeiros para o posto de medição de km 25 da PA-70, onde é lavada (pelos próprios tropeiros) e medida pelos funcionários do Posto Indígena. Kinará tem um relativo controle sobre a castanha que é coletada pelos índios (L.V.) através de algumas anotações que faz referentes às quantidades vendidas (hectolitros), informações estas que ele obtém do próprio chefe do posto. Normalmente, os índios Gaviões da Ladeira Vermelha não chegam a permanecer todo o tempo da safra na mata, pois exploram apenas ~~duas~~^{três} colocações por ano, que são de baixa produção em relação às dos índios de Mãe Maria. As outras duas colocações (da L.V.) estão localizadas em região de malária e produzem ainda menos, por isso deixaram de explorá-las no ano passado. Kokremun, ("capitão" da aldeia de Mãe Maria) tem planos de passar duas de suas colocações para os índios da Ladeira Vermelha no ano que vem, quando duas das colocações atualmente exploradas pela FUNAI, serão passadas para suas mãos (segundo o então chefe do posto, senhor Osmundo). Ele acredita que com isso a situação do pessoal da Ladeira Vermelha "pode melhorar, eles podem ganhar um pouquinho mais". (Kokremun).

Neste ano, Kinará resolveu que seus homens talvez não fossem ficar na mata durante a safra, e sim que iriam e viriam diariamente dos castanhais, onde seria coletada apenas uma quantidade "X" de castanhas, correspondente a "tantos" cruzeiros, renda esta considerada suficiente para um certo período "para comprar alguma coisinha que precisar" (Kinará). Ele afirmava que talvez não coletassem toda a produção deste ano, isto exatamente devido ao baixo preço pago pela FUNAI, diante dos preços que serão pagos em Marabá aos castanheiros "civilizados", dos quais Kinará tem conhecimento. Mais uma vez, o chefe do P.I. intercedeu na decisão de Kinará, dizendo que eles (os índios) "teriam que ir para os castanhais, morar lá durante a safra e tirar toda a produção deste ano ("senão, Kinará, pode ser que dê muito pouco dinheiro", sr. Osmundo, chefe do P.I. Mãe Maria).

OUTRAS ATIVIDADES, ECONÔMICAS - SUBSISTÊNCIA

Quanto às outras atividades econômicas que desenvolvem, os índios Gaviões da Ladeira Vermelha também possuem uma grande roça (maior do que a dos índios de Mãe Maria) de milho, mandioca, arroz, banana (dois mil e seiscentos pés), abóbora, inhame e batata doce, onde trabalham nos meses de "verão". Suas roças estão situadas próximas à aldeia e, mais do que em Mãe Maria, toda a produção é para consumo. O gado bovino que foi doado aos índios Gaviões (vide pág. 13) vai ser dividido entre as duas aldeias; os índios da L.V. ainda vão cercar parte do grande pasto que fica mais próxima ^{da} aldeia, para poder receber a parte do gado que ficará com eles. Ainda quanto à subsistência, a caça é uma das técnicas principais para a obtenção de alimento. Caçam com espingarda e, na falta de cartuchos, geralmente se utilizam dos arcos e flechas que fazem. Devido à não existência de "rios" (ou seja, igarapés não muito pequenos) nas proximidades da aldeia da Ladeira Vermelha, seus habitantes dificilmente praticam a pesca. O pequeno igarapé que passa pelo lado da aldeia é a fonte permanente de água para beber, cozinhar, lavar roupa, louça e tomar banho.

ALIMENTAÇÃO

Seus hábitos alimentares, (frutos, leite de castanhas, etc.) são bastante semelhantes aos da aldeia de Mãe Maria, apesar de a alimentação no "inverno" estar muito mais baseada na caça do que na coleta de frutas. Enquanto ^{na} aldeia de Mãe Maria a caça (ta'çu, jaboti, macaco, etc.) geralmente é cozida no leite da castanha, na Ladeira Vermelha ela é frequentemente assada, presa a um jirau de madeira. A tarefa constante de apanhar lenha pertence às mulheres, que cuidam da casa, da comida e das crianças. Nesta divisão sexual do trabalho, cabe aos homens trabalhar na roça e nos castanhais, além de cuidar da obtenção de alimentos e fazer a farinha de mandioca. Estes índios têm uma criação de galinhas para consumo (por volta de 50), que estão sob os cuidados dos missionários.

HIGIENE

Quanto aos hábitos de higiene, apesar de não disporem de fossas sanitárias ou de locais especiais para jogarem os detritos em geral, os índios da Ladeira Vermelha mantêm a aldeia sempre muito limpa. O pátio (da aldeia) bem como as casas são diariamente varridas (vassoura de folha de babaçu) e os detritos (cascas de frutos, peles das caças, etc.) são jogadas na mata, próxima a aldeia. Foram hábitos de higiene introduzidas pelos missionários que lá trabalham.

SAÚDE

Em relação a saúde em geral, os membros da aldeia de Ladeira Vermelha encontram-se atualmente numa situação melhor em vista da excelente assistência dos missionários, ao compararmos com o estado de saúde (e principalmente a assistência prestada) na aldeia de Mãe Maria. Além de um relativo conhecimento de x medicina tropical, os missionários dispõem de um controle extremamente eficaz sobre a saúde dos índios ao fazerem, diariamente, anotações dos casos surgidos (nome do indivíduo, sintomas apresentados, e medicação dada) possibilitando assim um verdadeiro "quadro estatístico" da incidência de doenças. Observamos, através destas anotações, que além da gripe (mais frequente) há uma grande incidência de febres e dores em geral (12)

Sempre que necessário, os missionários adquirem medicamentos por sua conta, juntando-os aos da farmácia da aldeia (em sua maioria fornecidos pela GEME através da FUNAI). Salientamos aqui que todos esses medicamentos são cuidadosamente administrados aos índios, que diante até mesmo de um pequeno corte, recorrem aos missionários, que muito gentilmente sempre os atendem.

Os partos geralmente ocorrem na própria aldeia, com o auxílio da missionária e das próprias índias.

(12) No mes de janeiro p.p. houve uma grande epidemia de gripe na aldeia, que foi devidamente controlada e assistida.

EDUCAÇÃO

Além de trabalho de assistência médica, os missionários protestantes ministram o ensino da língua portuguesa aos índios em reuniões esporádicas (mais frequentes no "verão" quando permanecem mais na própria aldeia) de uma hora e meia de duração, aproximadamente. Os membros da aldeia são divididos em turmas de adultos - homens e mulheres, separadamente - e crianças. A escola é um rancho aberto (de folhas de babau), com mesas e bancos, especialmente construído pelos missionários com auxílio dos índios para esta função. Utilizam-se das cartilhas elaboradas pelo "Summer Institute of Linguistics" da Califórnia (EUA) - "Leitura Portuguesa", nº 1 e 2, 1970 - e publicadas pela Fundação Nacional do Índio, em Brasília onde foram compradas pelos missionários.

Além da aprendizagem da língua portuguesa - sem ser precedida do ensino da língua nativa - as mulheres da aldeia também aprendem a costurar (na casa das Missões), pois dispõem na aldeia de uma máquina de costura, comprada pelo "capitão" por intermédio do chefe do P.I. em 1975, com a renda da castanha(13).

Os índios da aldeia da Ladeira Vermelha têm os seus momentos de lazer diariamente no jogo de vólibol, aprendido com os missionários. Na aldeia de Mãe Maria, os índios jogam futebol, também quase que diariamente.

RELAÇÃO MISSIONÁRIOS/ENCARREGADOS DO POSTO /MEMBROS DA ALDEIA SOCIEDADE GLOBAL

Observamos assim que o relacionamento dos índios para com os missionários é algo bastante interessante, na medida em que estes jamais interferem diretamente na vida da aldeia, embora participem dela. A relação é sempre muito amistosa marcada por um profundo respeito, de ambas as partes.

(13) Na aldeia de Mãe Maria também há uma máquina de costura, comprada nas mesmas condições, mas que, no entanto, raramente é utilizada.

Os funcionários do P.I. Mãe Maria raramente vão à aldeia da Ladeira Vermelha, exceto quando há algo a ser resolvido (quanto à castanha, por exemplo: a questão de preço, da entrega do aviamento - tanto roupas e botas como mantimentos são levados à Ladeira Vermelha pelo chefe do posto). Esta distância entre o chefe do posto e os índios desta aldeia em nada vem a lhes prejudicar, pois têm dos missionários toda a assistência de que realmente necessitam.

Como dissemos, o contato destes índios da Ladeira Vermelha com os núcleos urbanos (representantes mais próximos da sociedade abrangente) é algo inexistente e desnecessário, na medida em que dispõem de tudo que precisam no próprio local onde vivem. Raríssimas vezes saem da aldeia e, quando isto ocorre, é por motivo de doença, quando são levados à Belém para "tratamento", cuja volta nunca é esperada. Para estes índios, "ir à Belém" (e ficar na Casa do Índio) é a morte na certa. Conseqüentemente, sair da aldeia, por qualquer motivo, é algo que não lhes agrada muito, não demonstrando interesse nem curiosidade em relação à "cidade".

Todos estes aspectos - referentes à aldeia da Ladeira Vermelha - que diferem de certo modo das características da situação atual da aldeia de Mãe Maria (junto ao P.I.) nos remetem ao problema fundamental das necessidades do grupo indígena, que não estritamente a sobrevivência física, do corpo. Com o acelerado processo de "integração" desordenada como vem se dando, é muito difícil delimitarmos a priori tais necessidades, basicamente culturais e, portanto, específicas.

Dai a necessidade e importância da continuidade deste trabalho.

RELATÓRIO APRESENTADO POR

IARA FERRAZ - BACHAREL EM CIÊNCIAS
SOCIAIS (1974) PELA
FACULDADE DE FILOSOFIA,
LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS DA
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO.

Pesquisa efetuada de 22 de janeiro a 18 de fevereiro de 1975.

ANEXOS

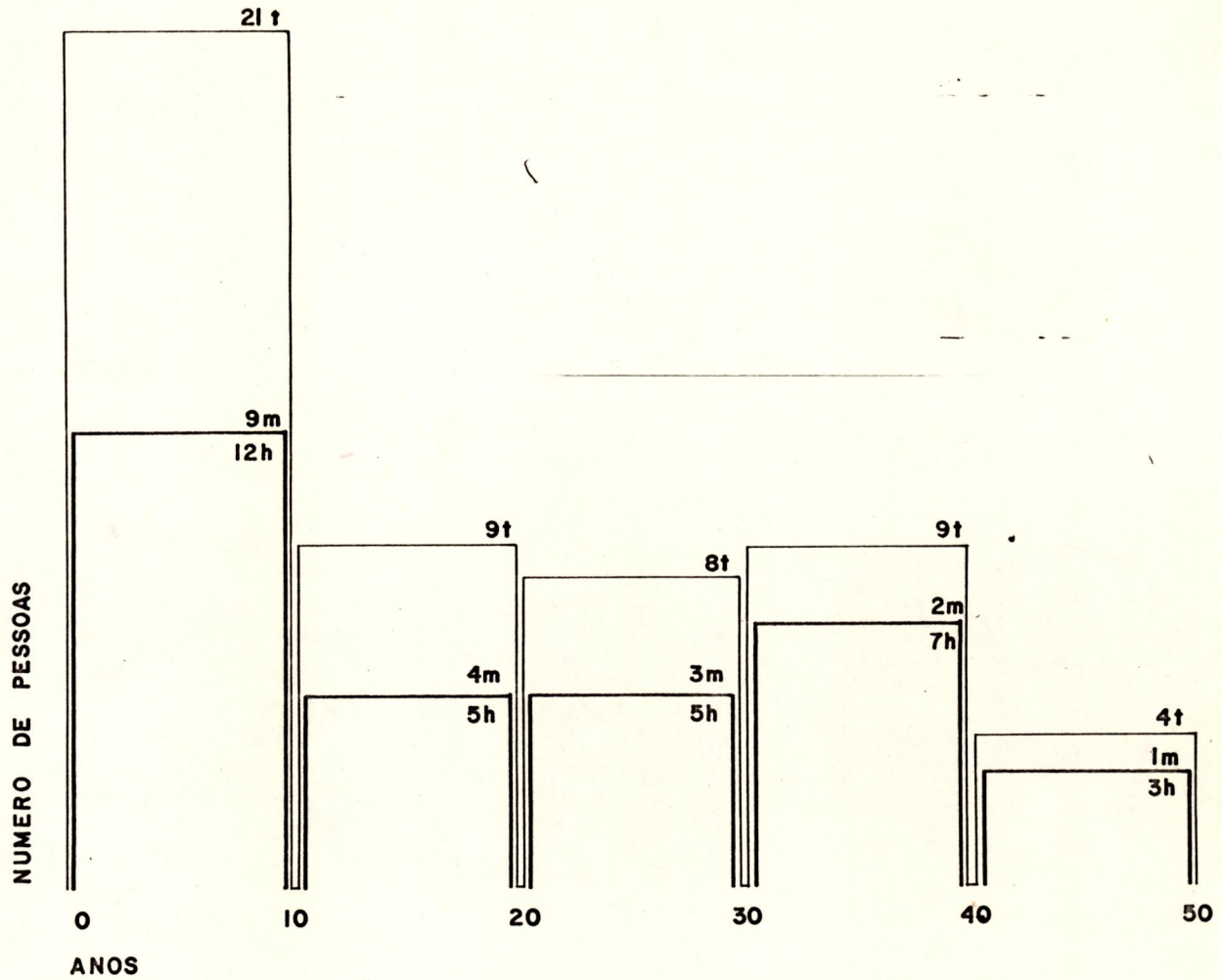
RELAÇÃO DOS ÍNDIOS RESIDENTES NO P.I. MÃE MARIA

Aldeia junto ao P.I. da FUNAI - km 30 da Rodovia Estadual PA-70

<u>Nome</u>	<u>Sexo</u>	<u>Nascimento</u>
01- KĀKARAUNA	M	1924
02- KOKRENUN ("capitão")	M	30
03- JONKĀTĀTĀIRE (João)	M	32
04- KĀXUARE (Alzira)	F	32
05- JONKORENUN (José)	M	34
06- KUKUKĀPEREKRE ("Superfúlio")	M	34
07- JIPRABITORE (Rita).....	F	34
08- KUKAKUKRE (Antonio)	M	37
09- NĀNKOTI (Domingos)	M	40
10- KRÓWAPERE (Manuel "Velho")	M	40
11- PĒPKOTI (Tono)	M	42
12- JONXARATI (Oscar - "Cayu")	M	42
13- KRETĀ (D. Maria)	F (Guarani)	43
14- PĀKREBIMORRE ("Cutia")	M	44
15- KAPRIKTĀIRE (Geraldo)	M	47
16- BEBKO	M (Xikrin)	47
17- PĒPRAMEI (Pedro)	M	49
18- POIARERITI (Madalena)	F	50
19- KUKRĀTKRĀTI	F	50
20- PĀREREKAPERRE (Toin)	M	52
21- PAHITKOTI (Maria)	F	53
22- MARIA CONCEIÇÃO LOPES DA LUZ	F (branca)	54
23- KRUATI	M	55
24- JONTAPTI (Raimundo)- em Belém	M	56
25- KATKĀTERETI (Zé "Preto")	M	56
26- PĀKREKAPERRE	F	56
27- AIANĀRE	M	57
28- BENEDITO	M (Guarani)	60
29- TUTĀKE	F	62

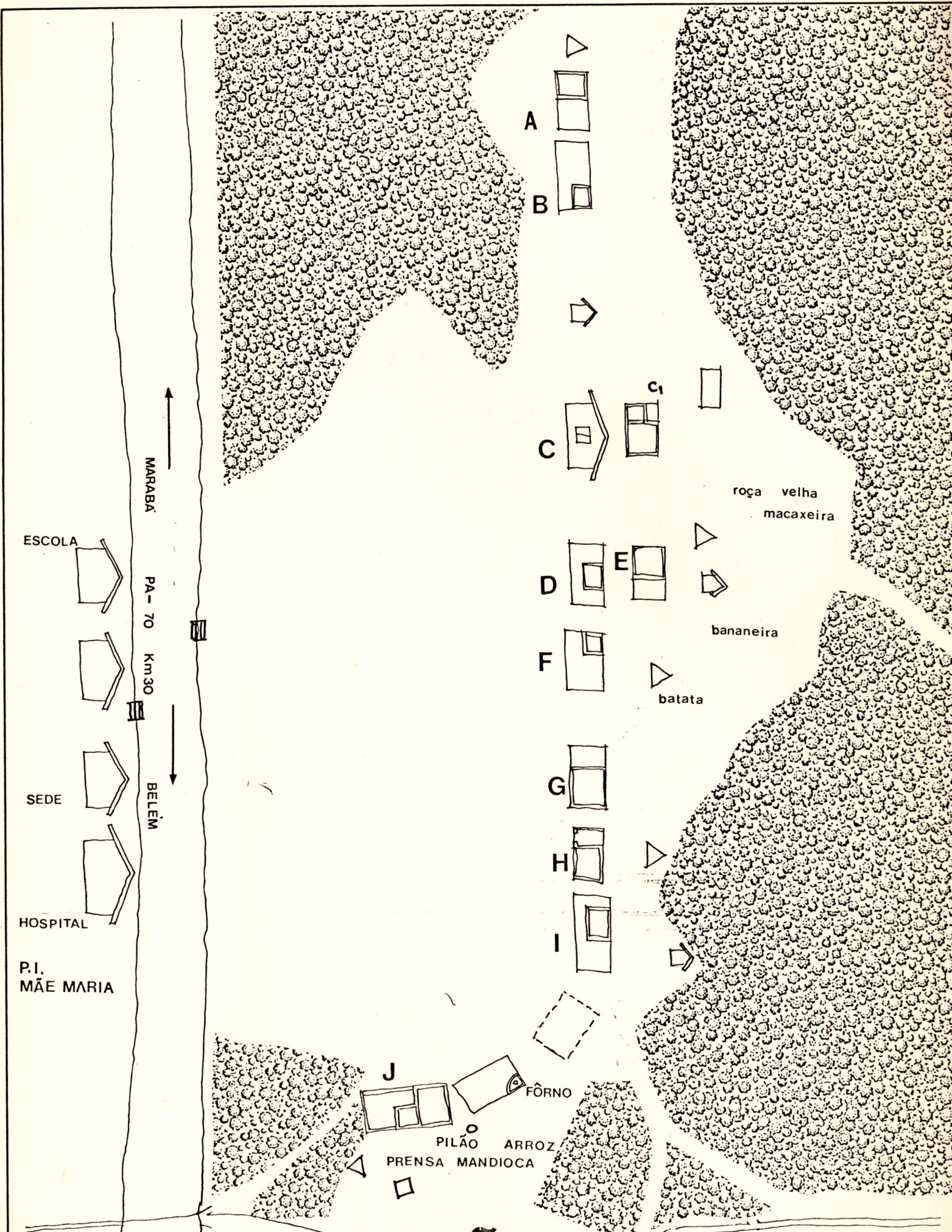
30- AIKREPEIRE (Isabel)	F	63
31- KROHORE (Iracema)	F	65
32- IKRERETI (Alacid)	M	65
33- PYNOTI (Francisco)	M	66
34- EURÍPEDES ("Dripe")	M(Guarani)	66
35- NONATO	M (Guarani)	67
36- YÓPITI (Edilson)	M	67
37- JONPEIRE (Iraci)	F	68
38- IRAMAR ("Nego")	M	70
39- PURKURE (Iraceli)	F	70
40- JOSÉ	M	71
41- ARISTAN	M (Guarani)	72
42- KOTYRE (Lucio)	M	21/4/72
43- KRÝKPÉTI (Irnaldo)	M	18/11/72
44- JONJAPYRE	F	9/12/72
45- TOKIÁKRE	M	14/1/73
46- IPÓPÁRE (Elizabete)	F	21/1/73
47- AKROIARERE	M	73
48- KOTXUMTI	M	19/8/73
49- TUTKORE	F	74
50- ANÁTI	F	74
51- (ainda sem nome)	F	74

fev.75



m - MULHERES
h - HOMENS
t - TOTAL

aldeia do P.I. Mãe Maria GAVIÕES



GAVIÕES

aldeia do P.I. Mãe Maria
 fev.75 Km 30 PA-70

- △ GALINHEIRO
- ▤ PRIVADA
- roça de milho e arroz

GAVIÕES - Aldeia do km 30 da PA-70 - junto ao Posto Indígena Mãe Maria

CASA	NOME	Nº	SEXO		OBSERVAÇÕES
A	JONKARATI PÛRKREKAPERE KOTXÛRE TUTXORE	12 26 42 49	M F M F		casa de duas águas, de folhas de babaçu (paredes e cobertura) com uma parte fechada, usada para dormir, e o restante aberto (local para cozinhar, etc.)
B	PÛRKREBIMOKRE PAHITXOTI TOKIÀKRE AIANĀRE	14 21 45 27	M F M M		idem anterior
C	<u>KOKRENUN</u> POIARERITI KROHORE IRAMAR PURKUIRE KRÛKPËTI AKROIARERE	02 18 31 38 39 43 47	M F F M F M M		moradia do "capitão" da aldeia casa de alvenaria (construída pela FUNAI em 1972) de duas águas, coberta de telhas e caiada, apresentando 4 peças (sala, quarto, cozinha e despensa). Local usado para cozinhar é o rancho C1 (a seguir)
C1	KRETXU NONATO ARISTAN (ainda sem nome)	13 35 41 51	F M M F		rancho aberto de duas águas com cobertura de folhas de babaçu - local onde se cozinha e moradia da índia Guarani e 3 de seus filhos (estão em Mãe Maria, desde 1972, quando vieram de Mato Grosso). Ela cumpre a função de "empregada doméstica" da família do "capitão".

CASA	NOME	Nº	SEXO		OBSERVAÇÕES
0	JONKORENUN IKRERETI KATKÂTKRETI KRUATI PÛRKREKAPERE KRÓWAPERE JONTAPTI (Belém)	05 32 25 23 20 10 24	M M M M M M M		<p>casa dos solteiros</p> <p>moradia aberta de duas águas, apenas com uma pequena parte fechada com folhas de babaçu (paredes), que cobrem toda a construção. Esta parte fechada é utilizada para dormir - todos na aldeia usam redes de algodão, compradas no comércio</p>
B	KUKAKUKRE KUKRÛTKRÂTI JOSE JONJAPÛRE ANÂTI	08 19 40 44 50	M F M F F		<p>casa de duas águas, de folhas de babaçu (paredes e cobertura), com uma divisão interna que separa o local utilizado para dormir daquele usado para cozinhar e trabalhar. Todas as casas apresentam um jirau de madeira próximo ao teto, onde são guardados os utensílios domésticos.</p>
F	KARIKTÛRE MARIA CONCEIÇÃO L. DA LUZ YÛPTI IPÓPARE	15 22 36 46	M F M F		<p>casa de folhas de babaçu (paredes e cobertura) de duas águas com janelas e divisão interna, que separa o local utilizado para dormir daquele usado para cozinhar e trabalhar</p>
G	JONKÛTÂTÂIRE	03	M		

CASA	NOME	Nº	SEKO		OBSERVAÇÕES	
G	PYRNOTI	33	M		<p>casa de folhas de babaçu (paredes e cobertura) de duas águas que apresenta apenas uma parte aberta, local para cozinhar</p>	
	BENEDITO (Guarani)	28	M			
H	NANKOTI	09	M		<p>casa de folhas de babaçu (paredes e cobertura) de duas águas com uma divisão interna, separando o local utilizado para dormir daquele usado para trabalhar e cozinhar.</p>	
	JIRARITORE	07	F			
I	PÉPRANTI	17	M		<p>idem anterior uma das maiores casas da aldeia</p>	
	TUTÁKE	29	F			
	KUKUKÁPREKRE	06	M			
J	KAKARAUNA	01	M		<p>a maior casa da aldeia: de duas águas, construída com folhas de babaçu (paredes e cobertura) com divisões internas que separam o local utilizado para dormir daquele usado para cozinhar. Ocorre aqui um caso de poliandria na aldeia, que não é aceito pelos demais membros. Já praticaram a poliginia sororal.</p>	
	KYTXUARE	04	F			
	BEBKÓ (Kikrin)	16	M			
	AIKREPEIRE	30	F			
	JONPEIRE	37	F			
	KOTXUMTI	48	M			
	EURÍPEDES (Guarani) PÉPKOTI	34 11	M M			

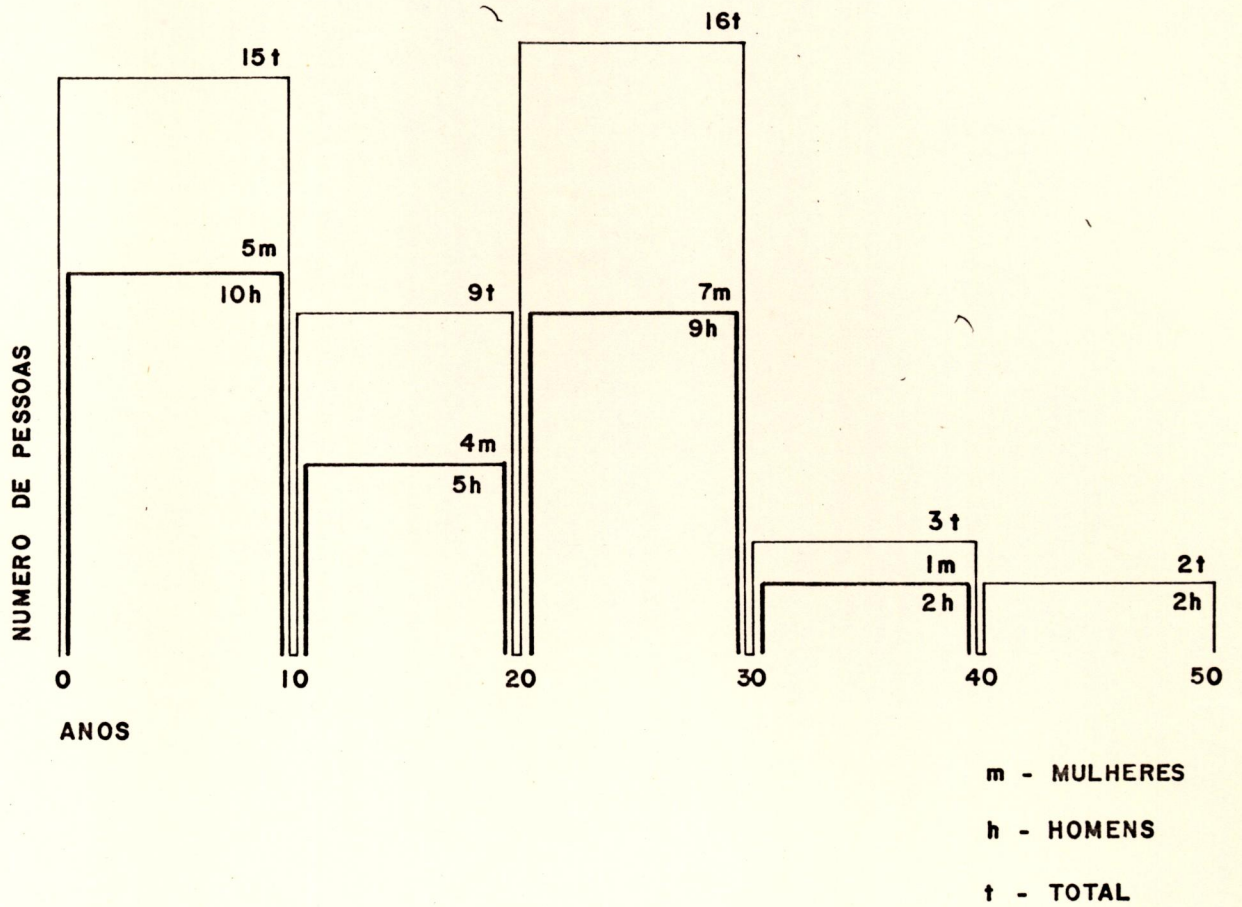
RELAÇÃO DOS ÍNDIOS RESIDENTES NO P.I. MÃE MARIA

Aldeia da Iadeira Vermelha

<u>Nome</u>	<u>Sexo</u>	<u>Nascimento</u>
01- PANETI	M	1930
02- KOIPÔKTI	M	31
03- AKÏNKRÀTI (Tiamprare).....	M	34
04- JÏNPEPTUTI	F	36
05- ÔPRUTI ("Baixinho")	M	38
06- AIROMPÔKRE	M	44
07- KINARÉ ("capitão")	M	44
08- KWIKIERE	M	44
09- YÀTPEITI	F	46
10- KÏIPEITI	M	47
11- KAPRURUNURE.....	F	47
12- JARIKORE	M	48
13- AIKAPOTATI	M	48
14- AMRÏKAPRIKRE	F	48
15- KWINDKAPRIK	M	49
16- JÏPRAMTI	M	49
17- PREKRURE	M	50
18- AIKREKRATATI	F	50
19- KURÀTI	F	50
20- JÏKAHYTI	F	52
21- JÏKUKREBIKAPRIKTI	F	53
22- JÏKIEKATIRE	F	54
23- KÏKÏIRE	M	55
24- JÏNPRARA	F	55
25- PAMAPRÏRE	M	57
26- JÏKRÏRE	F	60
27- PREKRUTI	M	61
28- ANGITAJÏRURE	M	63
29- JÏRÀKRATARE	F	63

30- TXORURE	M	1963
31- MPOTAMĪKATKURE	M	64
32- ROFRÉ	M	65
33- AIKAPOTATI (Alacid)	M	20/7/70
34- KOIPEITI (MPOKAFIRE)	M	71
35- ŸRATKORE	M	30/6/71
36- RIKPŸRŸTI	M	17/3/72
37- PARAKAPRIKTI (RAMDJIPEITI)	F	18/3/72
38- KUHEITKIRE	M	25/5/72
39- JŸKAKURE	F	15/12/72
40- PĒPTI (TETKARE)	M	13/4/74
41- KWITAIKWARE	F	14/6/74
42- JŸPRĀTAMRE	F-	10/9/74
43- AIROMFINARE	M	31/12/74
44- NKRĀKPENERE	F	12/1/75
45- HĀRAMAJUKAPINORE	M	16/2/75

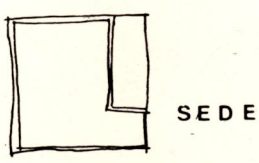
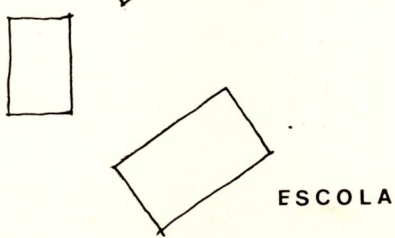
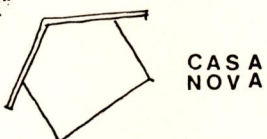
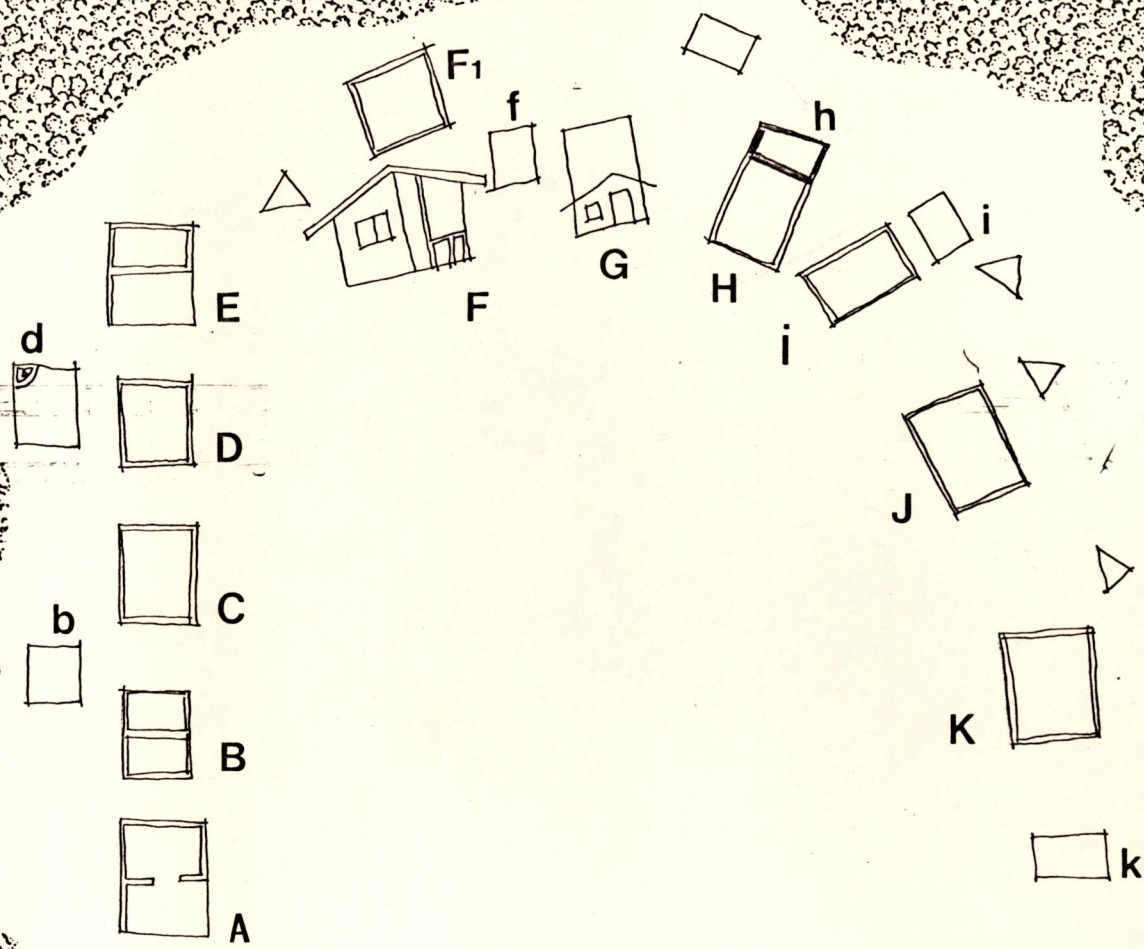
fev. 75



aldeia Ladeira Vermelha GAVIÕES

bananeira

maandrosa



GAVIÕES

aldeia Ladeira Vermelha

fev.75 Km 34,5 PA-70



igarapé



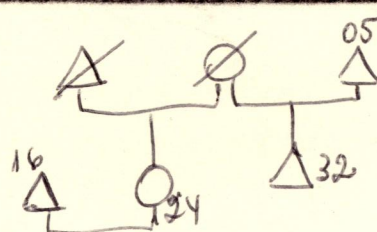
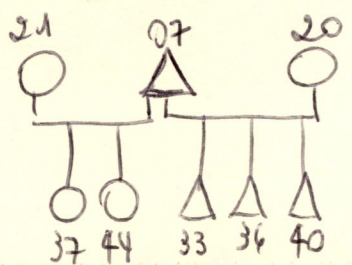
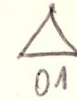
galinheiro

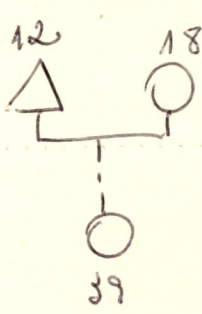
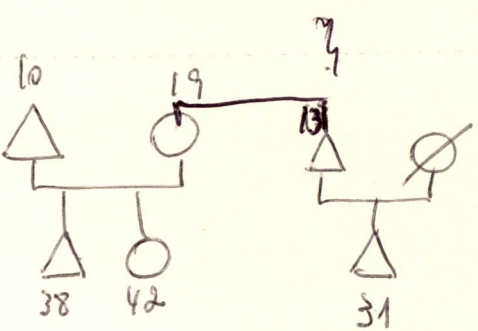
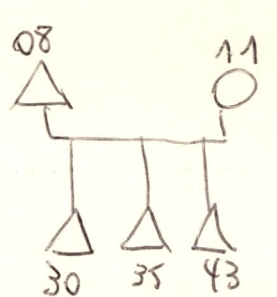


wc

SEDE

CASA	NOME	Nº	SEXO	GRUPO DOMÉSTICO	OBSERVAÇÕES
A	KWINDKAPRIK JÖKRÿRE HÄRAMAJUKAPI NORE PREKRURE PREKRUTI ANGITÖJÖRURE	15 26 45 17 27 28	M F M M M M		<p>casa de duas águas, feita de folhas de babaçu (paredes e cobertura) com uma parte fechada utilizada para dormir e o restante aberto - local onde cozinham.</p> <p>O elemento masculino assinalado ao lado estava na aldeia até início de janeiro p.p., quando, por motivo de "briga com fazendeiros da vizinhança, foi ameaçado de morte" (Sr. Osmundo), foi levado para Belém, para que fosse conduzido a aldeia do Gorotire (Kaiapo) onde "permaneceria até que a situação acalmasse" (Sr. Osmundo, chefe do P.I.)</p>
B	AIRÖMPÖKRE YÄTPEITI KOIPEITI	06 09 34	M F M		<p>casa de duas águas, feita de folhas de babaçu (paredes e cobertura), sem divisões internas. Há um rancho aberto (B) atrás da casa, local onde cozinham, feito de folhas de babaçu, de duas águas.</p>
C	AKÿNKRÄTI JÖRÄKRATARE	03 29	M F		<p>casa de duas águas, com paredes de taipa e cobertura de folhas de babaçu, amarradas em estrutura de madeira - <u>me-</u> não todo comum a todas as casas; não apresenta divisões internas.</p>
D	JÖNPEPTUTI	04	F		idem à anterior

CASA	NOME	Nº	SEXO	GRUPO DOMÉSTICO	OBSERVAÇÕES
					"d" - CASA DO FORNO - construção de taipa, coberta de telhas (duas águas) forno de barro e tacho de cobre - há um ralador mecânico para mandioca
E	ÖPRUTI JÖMPRANTI JÖNPRARA ROPRÉ	05 16 24 32	M M F M		casa de duas águas, feita de folhas de babaçu e taipa, com divisão interna: uma parte aberta, local utilizado para cozinhar, e uma parte fechada, usada para dormir.
F	KINARE JÖKAHYTI AIKAPOTATI RIKPÛRYTI JÖREIRE JÖKUREIKA- RIKTI PARAKPRIKTI NKRÄKPENIRE	07 20 33 36 40 21 37 44	M F M M M F F F		moradia do "capitão" da aldeia casa de duas águas, construída em madeira e coberta de telhas, pintada nas cores verde e amarelo. O "capitão" mora com suas duas mulheres (o único caso de poligínia na aldeia) e respectivos filhos. Há um pequeno rancho aberto ao lado ("f"), local onde trabalham e cozinham também (pois na casa, de 3 peças, há um local utilizado como cozinha).
F 1	PANETI	01	M		CASA DE ARROZ (depósito) - construção de duas águas, a uns 40 cm do chão, feita com folhas de babaçu (paredes e cobertura). Seu morador é o antigo chefe do grupo.

CASA	NOME	Nº	SEXO	GRUPO DOMÉSTICO	OBSERVAÇÕES
G	JARIKORE AIKREKRATATI JÖKAKURE	12 18 39	M F F		<p>casa de taipa, com parte de folhas de babaçu. É coberta de telhas (duas águas); apresenta portas e janelas e é a maior casa da aldeia. A menina que cria é <u>adotiva</u> (sua mãe morreu e seu pai mora na aldeia, com o outro filho).</p>
H	KÏPEITI KURATI KUHEITXIRE JÖPRATAMRE AIKAPOTATI MPOTAMIKATXURE	10 19 38 42 13 31	M F M F M M		<p>casa de folhas de babaçu (paredes e cobertura), de duas águas. Não apresenta divisões internas, sendo toda fechada com paredes. O local onde cozinham é uma outra construção ("h") - um rancho aberto, de folhas de babaçu, em duas águas; o fogão é um jirau de madeira, comum na aldeia, existente em quase todas as casas.</p>
I	KWIKIERE KAPRURUNURE TXORURE ÏRATXORE AIROMKINARE	08 11 30 35 43	M F M M M		idem à anterior

CASA	NOME	Nº	SEXO	GRUPO DOMÉSTICO	OBSERVAÇÕES
J	KYKYIRE	23	M		casa de folhas de babaçu (paredes e cobertura), de duas águas; não apresenta divisões internas.
	JOKIEKATIRE	22	F		
	KWITAIKWARE	41	F		
K	KOIPÓKTI	02	M		casa de folhas de babaçu (paredes e cobertura) de duas águas, sem divisões internas. Há uma construção ("k"), que é o local utilizado para cozinhar - um rancho aberto de duas águas, coberto com folhas de babaçu.
	AMRIKAPRIHEE	14	F		
	PAMARIRE	25	M		